



O PARÁGRAFO NOVE E SUA INFLUÊNCIA NA CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICO-TOMISTA

Dr. Conrado Mariano Tarcitano Filho

Ao propor uma metodologia na qual a concepção aristotélico-tomista de homem é posta em relevância, Masi Elizalde procura mostrar todos os questionamentos feitos a partir de meditações realizadas nos últimos 30 anos de sua vida à partir das leituras de Hahnemann, Allen, Kent, Hering e Ghatak, dentre outros, tentando responder às seguintes questões:

- 1- Por que o homem se enferma?
- 2- Como o faz?
- 3- O que é, realmente, a condição de enfermidade?
- 4- Sua dimensão é total ou parcial?
- 5- Existe a saúde?
- 6- Como alcançá-la?

Ele busca solucionar tais questões à partir do entendimento de que o homem é um composto substancial de alma e corpo, indivisível e a colaboração do espírito no problema da enfermidade, fato que é rechaçado pelo cientificismo mecanicista que impregnava o saber médico em sua época e ainda está presente. Tal concepção encontra no parágrafo nove do Organon uma base de sustentação que torna clara a influência que este texto do fundador da homeopatia tem na proposta elizaldeana. Neste parágrafo, Hahnemann nos diz que no estado de saúde, a força vital de natureza



espiritual (autocracia), que dinamicamente anima o corpo material (organismo), reina com poder ilimitado e mantêm todas as suas partes em admirável atividade harmônica, nas suas sensações e funções [grifo nosso], de maneira que o espírito dotado de razão, que reside em nós, pode livremente dispor-se desse instrumento vivo e são para atender aos mais altos fins de nossa existência.

Tal influência não pode ser desvinculada do parágrafo quinze do mesmo livro no qual a presença do composto substancial, onde Hahnemann fala que a afecção do dinamismo (força vital) de natureza espiritual, que anima nosso corpo no interior invisível, morbidamente perturbado, bem como todos os sintomas exteriormente observáveis por ele produzidos no organismo, e que representam o mal existente, constituem um todo, um e o mesmo organismo. O organismo, é, na verdade, o instrumento material da vida, não sendo, porém concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regularizador, tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo, conseqüentemente, os dois juntos constituem uma unidade, embora em pensamento, nossas mentes separem essa unidade em dois conceitos distintos para mais fácil compreensão.

Ficam evidentes dois pilares da concepção aristotélico-tomista de Masi Elizalde que são: a noção de composto substancial, ou seja uma unidade indivisível de corpo e alma e o fato de que através dos sentidos, ou seja, do sensível, o homem estará expressando tanto sua enfermidade quanto sua cura mostrando assim a sua necessidade de compreensão para o método do mestre argentino. Ainda neste último parágrafo, Hahnemann deixa claro que é através dos sentidos e somente através destes que o homem poderá alcançar os mais altos fins da sua existência. Esta afirmação nos obriga e ir buscar em toda sua obra qual seria este finalismo visto que esse texto não identifica o finalismo ali citado. Masi Elizalde deixa claro que esta resposta é



encontrada no Esculápio da Balança quando nos diz que Esto no es así, ya que, em “Esculapio en la Balanza”, vemos al Maestro refiriendo estos cambios, con toda claridad, al dominio de lo trascendente, al hablarnos de “sensaciones que aseguren la felicidad”, “acciones que ensalcen la dignidad” y “conocimientos que abarquen el universo” como condiciones para el cumplimiento del elevado fin de la existencia, no especificado en el Organon, consistente en aproximarse, o reconciliarse, con “el gran espíritu que adoran los habitantes de todos los sistemas solares.

Além desta citação hahnemanniana feita por Masi Elizalde, várias outras são feitas por Hahnemann ao longo de sua obra como nos mostra as 25 citações mostradas por Vitor Menescal quando ele investiga o finalismo hahnemanniano tornando clara uma teologia que, mesmo polemizada, é evidente. Não temos como proposta discutir este tema que consideramos de grande relevância na Homeopatia, entretanto, não podemos deixar de ressaltar que está inexoravelmente ligado ao tema proposto neste trabalho na medida em que as sensações e funções responsáveis pelo movimento do homem na saúde, enfermidade e cura estão voltadas para um finalismo que é o encontro do homem com os mais altos fins da sua existência.

Neste parágrafo, Hahnemann, deixa clara a necessidade das sensações e funções na avaliação que o médico homeopata deverá realizar para compreender tanto a enfermidade quanto a saúde. As sensações e funções em uma condição harmônica permitem que o espírito dotado de razão possa agir livremente dispendo do corpo atendendo aos mais altos fins da nossa existência. Ou seja, o finalismo hahnemanniano só será atingido pelo homem na medida em que ele puder fazer pleno uso da razão o que implica usá-la livremente. Dois pontos aqui têm que ser levados em conta, ambos em relação ao uso da razão: O primeiro, é o fato da razão ser usada para que este fim possa ser atingido e o segundo é ela ser usada livremente. A associação



que Hahnemann faz aqui torna evidente que a razão, ou seja, a alma racional, é um fator preponderante para que possamos compreender nossos pacientes tanto na enfermidade quanto na cura. Ao agir na enfermidade, o homem não está privado do uso da razão, mas a está usando sem liberdade.

A concepção aristotélico-tomista traz à luz questões levantadas por Aristóteles no IV a.c. A primeira delas é a questão do composto substancial, apresentada por Hahnemann no parágrafo quinze, a qual o filósofo grego defende ao nos falar que “que a alma é o sentido do principio da vida animal”, e também ao nos dizer que “a alma pode ser definida como a primeira atualidade de um corpo natural que potencialmente possui vida” e ainda “além disso a capacidade de viver não é do corpo que perde a alma, mas sim daquele que a possui”.

Podemos observar a partir destas evidencias que a noção de composto substancial presente no Organon, que Masi Elizalde tão bem identifica, se origina na investigação aristotélica sobre a alma humana.

Isto nos permite entender a maneira pela qual esta unidade poderá expressar a enfermidade do homem e como o parágrafo nove se torna importante na manifestação desta enfermidade encontrando aqui outro tópico importante da filosofia aristotélica quando o filósofo grego, em sua obra ética nos fala que a alma humana é dividida em duas partes: uma parte irracional e a outra racional. A parte irracional constituída pela potencia nutritiva e sensitiva, para Aristóteles, possui ainda um elemento o qual resiste à razão como nos explica dizendo que parece haver também um outro elemento irracional na alma, mas este em certo sentido participa da razão. De fato, louvamos a razão tanto do homem dotado quanto do destituído de continência, bem como a parte racional da alma de ambos, pois esta os exorta acertadamente e em direção aos melhores objetivos; acha-se



também neles, todavia, outro elemento natural além da razão, que luta contra esta e lhe resiste....

Mas mesmo esse elemento parece participar da razão, como dissemos, de qualquer forma, nas pessoas dotadas de continência ele obedece à razão, e presumivelmente ele é ainda mais obediente nas pessoas moderadas e valorosas, pois nestas ele fala, em todos os casos, em uníssono com a razão.

Este elemento ao qual Aristóteles se refere, o qual é irracional, é a paixão que tem um papel fundamental na obra aristotélica e consideramos o ponto de ligação com o parágrafo nove de Hahnemann. Para Aristóteles, as paixões podem submeter a razão à sua orientação, ou seja, tomar um rumo e ir em uma direção ditada pelas paixões, pelos desejos, ou seja, a alma racional está sendo utilizada mas não livremente como preconiza Hahnemann no caso da saúde. Se para Aristóteles o não uso da razão leva o homem à ser dominado pelas paixões agindo de maneira não virtuosa, para Hahnemann isso é enfermidade.

O uso livre da razão é, sem dúvida, ter a parte irracional da alma humana em conformidade com a alma racional. O homem, para Hahnemann só estará em estado de saúde se cumprir sua finalidade que é usar livremente a razão e isso significa dizer, usá-la adequada às paixões, ao seu desejo e só assim, o homem poderá alcançar os mais altos fins da sua existência que Masi Elizalde nos mostra que é a aproximação do homem à Deus, como está exposto na obra hahnemanniana.

Para o homem, estar em saúde é cumprir o seu papel e poder usar livremente a razão, aproximando-se assim, de Deus.

Esta compreensão aristotélica do parágrafo nove encontra ressonância no que Tomás de Aquino nos fala.



Ora, o fim próximo do corpo humano é a alma racional e suas operações, pois a matéria é para a forma e os instrumentos para as ações do agente. Digo, portanto, que Deus constituiu o corpo humano na melhor disposição para tal forma e tais operações. Se acaso parece haver algum defeito na disposição do corpo humano, deve-se considerar que ele decorre da necessidade da matéria para que, naquelas coisas requeridas pelo corpo, haja a devida proporção entre o corpo e a alma e as suas operações.

Tomás de Aquino nos fala que o fim próximo do homem é o uso da alma racional e suas operações. Podemos entender tais operações como aquelas que Hahnemann nos diz que permitirão levar o homem aos mais altos fins da sua existência. É papel do homem o uso da razão, sua função na vida só será exercida com seu uso, que, se livremente, será no estado de saúde. Ainda como nos diz Tomás de Aquino, o corpo está para o espírito como os instrumentos estão para as ações do homem. Ao falar isso, além de ressaltar a questão do corpo e alma formarem uma unidade deixa clara que a ação humana está dependente de instrumentos que se constituem evidentemente desta unidade. O homem ao desejar, sentir e agir poderá fazê-lo como vimos, com o uso livre da razão ou privado da mesma, dominado pelas paixões. A ação humana, o movimento que o homem faz na vida é sempre em busca daquilo que ele considera bom para si. Resta-nos poder avaliar se este "bom" permitirá alcançar os mais altos fins da sua existência ou, ao contrário, afastá-lo dele.

Os defeitos inerentes ao corpo humano constituem de certa forma a perfeição humana. É através do que consideramos imperfeito, que o homem poderá exercer sua função, ou seja, o uso da razão livremente a alcançar os mais altos fins de sua existência. A imperfeição do homem está na possibilidade de ser perfeito usando livremente a razão e, assim, cumprir sua função. O mestre argentino nos mostra claramente a maneira como



compreende esta questão quando nos diz que os animais têm com o que se defender, com o que se agasalhar, têm o instinto, enquanto o homem tem somente a razão com a qual fabrica suas defesas. Então temos uma doença só: a vulnerabilidade. E o elemento com o qual nos defendemos da vulnerabilidade é a razão. É muito lógico o dizer de Kent: a doença começa com o “mal pensar”, isto é, a má defesa, a má adequação à situação de vulnerabilidade. O mal pensar determina o mal desejar, que conduz ao mal agir. Existe outra coisa mais importante, que é o afastamento da Lei que está impressa nos nossos corações, em nossa essência, que leva o intelecto a oferecer à vontade um objetivo errado, e a desviá-la. Outra coisa que disse Kent é que a doença não é nada menos que o desacordo entre o intelecto e a vontade – Kent refere-se à essência da doença. Por que tudo isso se torna um tanto quanto obscuro? Porque não sabemos nada sobre o homem.

A reflexão que Masi Elizalde faz tentando responder as perguntas iniciais mostradas no início deste trabalho permite uma compreensão clara do conceito de enfermidade e cura hahnemannianos à luz da concepção aristotélico – tomista.

Ao invejar um determinado aspecto de Deus, o homem rechaça uma potência humana. Tentando buscar e possuir aquilo que não lhe é próprio, que é divino, o homem torna-se imperfeito neste determinado aspecto invejado. Torna-se necessário o uso livre da razão para que possa exercer seu papel, agora, com esta sensação de perda. As sensações decorrentes desta ação repercutem no homem temporal, aparecem e nossas ações no cotidiano. Isso faz com a homeopatia exercida na concepção aristotélico-tomista, proposta por Masi Elizalde, permita, frente a administração do simillimum, sob estas prerrogativas, que o homem exerça livremente a razão, alcançando os mais altos fins da sua existência.